



Uma leitura do *Ato de fundação* de Jacques Lacan♦

(Sobre a *Escola* e seus membros)

Marcus André Vieira

Após sua excomunhão da IPA, Lacan concebe e põe em funcionamento um modo de laço institucional congruente com a psicanálise, ao contrário daquele que acabara de deixar para trás. Dois textos, sobretudo, balizam e delimitam essa proposta, chamada por Lacan *Escola*: o “Ato de fundação”¹ e a “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”².

O segundo, três anos após o primeiro e com a Escola já criada, elabora conceitualmente toda uma série de novidades apresentadas ainda em estado inicial no primeiro momento. Além disso, introduz o dispositivo do *passé* - a invenção institucional fundamental de Lacan que lhe permite assentar sua proposta de uma Escola de psicanálise em bases clínicas.

Muito já se disse sobre a “Proposição...” e sobre o *passé*. Se alguém lhe deu vida e extraiu do *passé* consequências, tanto clínicas quanto políticas e epistêmicas, foi J. A. Miller. Remeto à obra *Como terminam as análises* que apresenta e reúne toda uma série de desenvolvimentos essenciais trazidos por Miller em todos esses aspectos a partir do que Lacan criou nos anos sessenta.³

Proponho, aqui, abordar o primeiro destes dois textos. Em apenas três páginas, tudo em um plano mais prático, Lacan traz indicações essenciais para delimitar a proposta de uma Escola no sentido que dá ao termo, assim como, especialmente, o que espera dos membros dessa comunidade.

O analista, seu objeto e sua comunidade

Antes de ingressar nos caminhos da vida associativa dos praticantes da psicanálise, é bom lembrar um postulado que não podemos perder de vista em momento algum do percurso: nosso objeto, o objeto da psicanálise, é essencialmente instável. Vejam como Miller o situa:

A experiência freudiana tem um caráter tal que precisamente no mesmo ponto onde o fato empírico é mais indubitável é também o mais evanescente.⁴

Lidamos com alguma coisa que aparece e que, quando dela nos aproximamos, não está mais ali. Ou melhor, está, mas já mudou de forma. O real de nossa experiência não para quieto. Não se pode pegar com a mão, escorre por entre os dedos. Encontramos em uma sessão uma cena, um fragmento de memória que parece dizer exatamente o que somos, mas quando saímos da sessão e tentamos dizer o que era, já não é mais exatamente aquilo. Fica a certeza de uma verdade fundamental, mas não exatamente sua forma ou enunciado exatos.⁵

O que torna único o ensino de Lacan é exatamente o fato de assumir essa impossibilidade. Como diz Miller:

Se o ensino de Lacan constitui uma exceção é porque ele assume este furo e o elabora. Os outros o preenchem (...). A tendência do psicanalista é de fato preencher o vazio na

♦ Este texto é resultado de uma comunicação no “Seminário da Orientação Lacaniana” da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio, em agosto de 2023.

qual se sustenta seu ato, em sua teoria com substâncias, ou seja, fantasmagorias conceituais, eruditas ou literárias.⁶

É essencial perceber que o estranho com o qual nos deparamos em uma análise muda uma vida, mas continua estranho. Seguiremos sem poder dizer exatamente o que mudou tudo.

No campo político, como o da fundação de uma associação de analistas, Lacan partirá da mesma ideia: a de que se o objeto da psicanálise e seu sujeito são instáveis, não há como definir de maneira inequívoca aquilo com o que lidam os praticantes da psicanálise. Por extensão, não há como definir o analista de maneira segura. Não somos como o pescador que pode mostrar seu peixe. Nem mesmo se pode dizer que se é analista por ter produzido este ou aquele efeito, pois os efeitos são também variáveis e subjetivos. A conclusão se impõe: Não há carteira de identidade do analista.

Por isso, o termo *Escola* é convocado por Lacan, inicialmente, para distinguir sua instituição da universidade. A universidade foi criada exatamente para conferir um certificado de capacidade, diferentemente das Escolas da antiguidade, onde o que se fazia era aprender alguma coisa com alguém:

O que se esperava no final não é o diploma e é discutível que houvesse um final. O que se esperava era viver melhor, acesso a uma maior dignidade da vida humana, certo saber viver. Não se esperava *know-how*, não é saber fazer, nem conquistar uma competência ou uma técnica (...). Os docentes das Escolas antigas se autorizavam da transferência que produziam. Por isso havia por parte da assistência uma implicação subjetiva muito grande, não se tratava de um programa mais ou menos interessante a seguir com o fim de obter um diploma.⁵

Não é exatamente essa a Escola de Lacan, mas o termo é escolhido com base nesse contexto.

E sua Escola não será tampouco uma associação de profissionais, onde os analistas se encontrariam entre si, entre pares, para confidenciar seus segredos. Vejam o que diz Lacan:

A responsabilidade da análise é fazer avançar a análise e não constituir uma casa de repouso para veteranos. Preciso camaradas que prestem serviço, e não pessoas que se edifiquem em sua posição.⁷

O analista trabalhador

Lacan funda, então, uma instituição de analistas em que não se sabe dizer o que é um analista. Miller, no entanto, lembra que é possível sair do paradoxo. Apesar de impossível uma definição geral do que faz um analista, já que as análises têm, cada uma, um resultado diferente, é possível, no particular de cada análise, situar tanto o objeto em questão quanto o que a análise terá feito deste objeto. A Escola seria, então, esse espaço em que se pode examinar os casos, colocá-los em série, investigar o que é o trabalho de uma análise, afinal, “não se sabe o que é isso [o analista], mas pode-se apreender o que ele é um-por-um, caso-a-caso”.⁸

Estando o objetivo delimitado, falta o método. Qual a proposta de Lacan para dar vida institucional a essa investigação coletiva sobre o analista?

É preciso, para começar, definir quem são os participantes dessa aventura. Como se define o membro dessa instituição? A resposta de Lacan é que não é alguém que diz que sabe o que é a Escola ou o que é o Analista mas, sim, alguém que quer saber, quer investigar. Alguém que quer colocar à prova o que é um analista e o que é uma análise, a cada instante.

Um termo essencial ressaltado por Miller nestes textos de Lacan é o de *trabalhador*. O membro da Escola é um trabalhador. É alguém que quer saber e, por isso, trabalha para saber. Destaco duas passagens de Lacan neste sentido:

Não é necessário que as adesões abarquem a totalidade deste plano para que ele funcione. Não preciso de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos, como o sou desde já⁹.

Lembremos que a pior objeção que se pode fazer às sociedades na forma existente é a cessação do trabalho, manifesta até na perda de qualidade que elas causam entre os melhores. O sucesso da Escola se medirá pelo lançamento de trabalhos, que sejam aceitáveis, em seu lugar.¹⁰

Ensino?

O trabalho, portanto, para Lacan, sustenta a investigação. Os seminários de membros e os seminários institucionais são lugares onde não se sabe o que é o analista, mas seus participantes se dispõem a um trabalho investigativo sobre o fazer dele.

Os seminários servem para que se queira saber e não para saber, e que se queira *saber junto*. Lacan se apoia, nesse sentido, na expressão por ele criada de “transferência de trabalho”:

O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.

Os “seminários”, inclusive nosso curso da [Escola de] Estudos Superiores, não fundamentarão nada se não remeterem a essa transferência [de trabalho].¹¹

Miller tem uma divertida maneira de situar o que Lacan entende por esta expressão, *transferência de trabalho*, no contexto institucional. Parte da ideia de que quando se está na posição do analista quem trabalha é o analisante. O trabalho do analista é mais trabalho de navegação do que trabalho braçal. É mais a arte de encontrar e sustentar uma posição na transferência do que de falar, elaborar, construir, papel que cabe ao analisante.¹²

Deste modo, segundo Miller, o analista se situa na posição do “preguiçoso”.

A Escola conduz o seguinte problema: como o psicanalista obtém esse saber que lhe dá certa emancipação? Não é colocando perguntas ao paciente, ainda que, a princípio, também. E nem é por meio de uma investigação de anos. Esse saber se obtém a partir da preguiça estatutária da posição do analista. É o saber que se obtém a partir do trabalho de outro. Na análise o sujeito é o trabalhador e o analista fica na preguiça. Trata-se, com o conceito de Escola, de fazer passar o analista da preguiça para o estatuto de trabalhador¹³

O que acontece na Escola é essa inversão: o praticante deve sair da posição do preguiçoso e trabalhar para dizer o que faz. A Escola, então, cutuca o analista para que ele não fique inerte em autossuficiência.

Escola e não convento, banquete, clube, igreja, casa de aposentados ou comando guerrilheiro. Apesar disso, na Escola há sempre um pouco de comando guerrilheiro, asilo de aposentados, igreja, clube, banquete e também convento.¹¹

Não à toa, seu órgão de base, o *cartel*, como veremos, segue uma estrutura parecida. Os cartelizantes trabalham. Já o *mais-um* vela para que o trabalho chegue a bom porto. O *mais-um* pode se dar ao luxo de alguma preguiça, uma vez que ele é o único que não precisa apresentar um produto de seu trabalho ao final do tempo de investigação do cartel.

Saber textual e saber referencial

A seguir, no *Ato de Fundação*, Lacan indica que o ensino não provém apenas da vontade de estudar, de investigar, mas precisa seguir o método da análise, que prioriza o saber textual e não o referencial. O primeiro é o que se encontra a partir do momento que se toma o dizer analisante como um texto, um discurso, com determinações conscientes e inconscientes, assim como seus pontos cegos. Já o saber referencial é encarnado por alguém, uma referência no assunto, aquele que sabe, o *expert*.

O que deve predispor um membro da Escola a tais estudos é a prevalência – tanto na psicanálise em extensão como na psicanálise em intensão –, daquilo que chamarei de saber textual, para contrastá-lo com a ideia referencial, que o mascara.¹²

Por isso não pode haver, como na IPA, o *didata*, o analista diplomado. Não há quem tenha o segredo da versão final do texto. Apesar dos esforços de Lacan, sempre resta, em todo grupo, mesmo em nosso meio, um empuxo ao didatismo. No nosso caso, por exemplo, o didata seria aquele que saberia a verdade sobre os ditos de Lacan. Vejam o que ele diz:

Tudo é feito na Escola para que seja evitada essa opção, ou seja, a de instalar no coração de uma instituição alguma coisa [sagrada] que não pode se tocar. Neste sentido, há recusa de um ensinamento autorizado (qualquer um ensina fazendo a seus riscos, como estipulam os estatutos) e a ausência de censura teórica. (...).

No *Ato de fundação*, uma das medidas mais destacadas no sentido de garantir que essas pessoas não se confortem na posição nefasta de ser aquele que sabe é a necessidade da presença, na instituição, de pessoas que não trabalhem como analistas.

É nesse sentido que o atributo do não-psicanalista é o que garante a psicanálise e que, de fato, desejo não-analistas, que pelo menos se distingam dos psicanalistas de agora, daqueles que pagam por seu estatuto com o esquecimento do ato que o funda.¹⁴

Haverá, necessariamente, alguém que vai questionar, que vai dizer que não entende, que se permite duvidar do saber suposto, da sabedoria dos cabelos brancos dos analistas do *staff*. Porém, não necessariamente, precisam ser não-praticantes. O não-analítico pode estar presente de outras formas. Basta que se assegure que esteja no ar a ideia de que há coisas que não sabemos se é análise ou não. Essa dúvida é necessária. Não saber exatamente do que se está falando, ao menos não de forma pronta e acabada, é o coração do *Ato de fundação*.

É o que adiante Lacan define como o “controle interno” a que estão submetidos todos os membros. Espera-se que haja sempre ao menos um que, do lugar do não-analítico, questione os analistas da Escola.

A experiência do Passe

Exatamente neste ponto, será, alguns anos mais tarde, introduzido o passe. Um passante, tendo considerado sua análise concluída, transmite a dois passadores suas conclusões, e estes transmitirão ao cartel que dirá: “sim, aprendemos sobre seu final com o relato”, ou “não, não conseguimos ser surpreendidos com o relato de sua passagem de analisante a analista de si mesmo”. É um dispositivo que visa realizar o paradoxo analítico da boa maneira: tanto sustenta o não-saber quanto dissipa a “sombra espessa” que define o que faz de alguém, para alguns, analista.¹⁵

O passe é uma maneira de se manter em aberto o que é um analista, ao mesmo tempo, demonstrando como um analista se fez. É uma resposta no nível de um, mas que coloca uma questão no nível geral. Tudo certo, ele terminou sua análise pois se mostra capaz de falar dessa experiência do lugar do analista. Mas como foi mesmo?

No plano institucional, entra, aqui, a diferença proposta por Lacan entre *Gradus* e Hierarquia. Do lado da hierarquia, designa-se AME os praticantes que respondem pela psicanálise - dadas suas longas folhas corridas e serviços prestados. A Escola não garante que cada um é um analista por lhe dar um diploma, mas por reconhecer que exercem como analistas com bons efeitos. Do lado do *gradus*, será nomeado AE aquele que o cartel do passe reconheceu como tendo terminado sua análise e que pode nem ter prática como analista. Haverá, assim, uma tensão, pois o “staff” ficará ligeiramente enfraquecido, em seu saber suposto, pelo saber que se depende destes relatos. Essa é a ideia. A tensão entre AE e AME. O AME, Analista Membro da Escola, reconhecidamente analista por uma comissão e o AE, Analista da Escola, analista porque

está dizendo que virou e por quê. Se entendermos que o passe não é um júri, conseguiremos entender que essas duas figuras furam uma à outra, como diz Lacan.

Se fazer autorizar como analista da Escola falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher, pelo ponto sensível de seu próprio passado, será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe. A decisão de tal júri seria esclarecida por isso, portanto, não sendo essas testemunhas juízes, é claro.¹⁶

O AME é uma reedição meio irônica do didata, explicitamente ironizado por Lacan ao jogar com a assonância da sigla com *Âme* [alma] em francês e afirmar que o AME é a “alma da Escola”. Não podem ficar na ênfase por serem solicitados a dizer por que são analistas pela simples existência dos AEs. Aqui trata-se novamente do que Lacan define como “controle interno” - em que a existência do AE vai constantemente colocar sob crítica a própria Escola em suas escorregadelas para o grupo de bem instalados doutores da psicanálise.

Garantia de formação suficiente é o AME, o Analista Membro da Escola. Aos AE, ditos Analistas da Escola, caberia o dever da instituição interna que submete a autorização dos melhores a uma crítica permanente.¹⁷

O Outro social

Há, ainda, além do controle interno, o “controle externo”: expor e falar sobre a psicanálise e sobre o que se está fazendo na Escola.

Os que vierem para esta Escola se comprometerão a cumprir uma tarefa sujeita a um controle interno e externo. É-lhes assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo o que eles fizerem de válido tenha a repercussão que merecer, e no lugar que convier.¹⁸

Lembrem-se de que o controle interno segue a tensão entre o AE e o AME, mas igualmente as tensões no pequeno grupo que Lacan chamou de cartel, reunido em torno de um texto ou de uma tarefa tendo o *mais-um* como seu ponto de furo e extimidade. Ele é e não é do grupo, mas ainda assim, não é seu líder.

Por isso, inicialmente, em seu *Ato de Fundação*, Lacan propunha que o membro da Escola fosse admitido a partir de seu trabalho em cartel. Lacan fundava o acesso a Escola pelo cartel (...).

Os indivíduos que quiserem fazer-se conhecer, seja porque projeto for, encontrarão o caminho útil junto a um membro do Cartel [dispositivo de acolhimento e estruturação dos cartéis]. Eu mesmo encaminharia para um deles quem me fizesse a demanda.

O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará cartel, apresenta-se para minha aprovação com o título do trabalho que cada um tencione levar adiante nele.¹⁹

Desde então, foi necessário criar outros dispositivos para admissão dos membros da Escola: entrevistas e deliberação do Conselho da Escola, por exemplo e sobretudo para se estimar o modo como este praticante põe seu trabalho à disposição do coletivo ao qual pertence. No entanto, desde o princípio, o essencial, o que de fato garante o pertencimento à Escola é a presença efetiva do membro em uma comunidade de investigação e experiência, da qual o cartel é uma primeira amostra e realização efetiva.

A Escola não o é apenas no sentido de distribuir um ensino, mas de instaurar entre seus membros uma comunidade de experiência cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes.²⁰

Esta “comunidade de experiência” entendo que corresponde ao que Miller sintetizou com a expressão “orientação lacaniana” que acrescenta à primeira o sentido de um movimento, um vetor de orientação.²¹ A Orientação Lacaniana retoma a ideia de uma comunidade de experiência como a de um movimento de praticantes. Neste movimento, a Escola assegura que há analistas, mas só consegue dizer onde o analista está de vez em quando e no caso a caso.

O desenrolar da aventura do movimento da Orientação lacaniana levou a que instituições fossem criadas. Escolas com CNPJ e existência legal. Escolas que, como entidades, também dão garantia ao Outro social de que esta comunidade que elas representam seguem as mesmas referências e praticam uma psicanálise na orientação lacaniana. Além disso, garante que, em seu seio, há analistas e, para isso, seguindo o Ato de Fundação, designam alguns de seus membros como AME - que atestam a solidez clínica e a efetividade dos conceitos chave de sua formação. O que é diferente de dizer que cada um de seus membros é analista, uma vez que analista, para Lacan, é uma função relacional e não um estado do ser.

¹ Lacan, J., "Ato de fundação", *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

² Lacan, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", *Outros escritos*, p. 235-247.

³ Miller, J. A., *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

⁴ Miller, J. A., *El nacimiento del Campo Freudiano*, Buenos Aires, Paidós, 2023, p. 21.

⁵ Lacan, em "Posição do Inconsciente", o aproxima de uma *homelete*. S. Zizek, Lacan in hollywood, de um *alien*. Já o comparei a um frango na corrida a partir de Cidade de deus, de Fernando Meirelles (Cf. Vieira, M. A. Restos, uma introdução ao objeto da psicanálise, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 10).

⁶ Miller, *Ibid*.

⁷ Lacan, J. "Une procédure pour la passe", *Ornicar?*, n° 37, Paris, Navarin, 1986, p. 9-10 (Tradução nossa).

⁸ Miller, J. A. *Como terminam as análises*, p. 221.

⁹ Lacan, J. "Ato de fundação", *op. cit.*, p. 239.

¹⁰ Lacan, J. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", *Ibid*, p. 255.

¹¹ *Ibid*, p. 242.

¹² O trabalho do analista é o da "arte da posição" (cf. Vieira, M. A., "Psicanálise e psicoterapia", *Latusa*, v. 6, p. 103-114, 2001).

¹³ Miller, J. A. *Como terminam as análises: paradoxos do passe*, p. 111.

¹⁴ Lacan, J. *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, *Outros Escritos*, p. 277.

¹⁵ Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, p.

¹⁶ Lacan, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, p. 261.

¹⁷ *Idem*, p. 249.

¹⁸ Lacan, J. *Ato de fundação*, p.235

¹⁹ *ibid*, p. 241

²⁰ Lacan, J. (Anexo) primeira versão da proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, p. 571.

²¹ Vieira, M. A. O que é a orientação lacaniana hoje? *Arquivos da biblioteca*, n. 14, EBP-Rio, setembro de 2018.